

Citar como:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. **Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET)**. Organizadores: Adair Bonini, Débora de Carvalho Figueiredo, Fábio José Rauen. - Tubarão: UNISUL, 2007. p. 1297- 1306. ISSN 1808-7655

DAS RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE TIPOS NA COMPOSIÇÃO DE GÊNEROS

Luiz Carlos TRAVAGLIA
(Universidade Federal de Uberlândia)

ABSTRACT: *This study aims at establishing how text categories such as type, gender and species (Travaglia, 2001 e [2003]/2007), especially the category of types, can constitute texts. In the composition of genders, we can consider three features. Firstly, types can be combined by three distinct processes: a) hybridize - some types of different typologies are realized in the same text; b) conjugate- some types of the same typology appear composing a text, with hierarchical relations between them or simply side by side; c) interchange- in an interactional situation of a certain nature, in which a specific way of interaction is established, the interaction is normally performed by a specific text category, but it occurs by means of another category. Secondly, the species and the types constitute the genders. Thirdly, occasionally, simpler genders can compose more complex ones.*

KEYWORDS: *Text categories; Type; Gender; Species; Gender composition*

1. Introdução

Em Travaglia [2003] (2007)¹ propusemos que as *categorias de texto* — nome com que designamos uma classe de texto identificável por características comuns de diversos parâmetros (conteúdo temático; estrutura composicional, incluindo superestrutura; características de língua na superfície textual; ato de fala; objetivos/funções; condições de produção, tais como quem produz, a quem é dirigido, quadro institucional e/ou comunidade discursiva em que é/pode ser produzido, etc.) — podem ser de naturezas distintas a que demos o nome de *tipelementos*. Até agora identificamos três tipelementos distintos, ou seja, três naturezas distintas de categorias de texto, a que demos o nome de *tipo*, *gênero* e *espécie* e que definimos em Travaglia (2003) [2007], com algumas atualizações, como exposto a seguir:

1) o *tipo* que

“pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução (Cf. Travaglia –1991: cap. 2), segundo perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes. Algumas perspectivas que foram usadas para o estabelecimento de tipologias diferentes e conhecidas são:

- A) a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/ acontecer ou conhecer/saber e quanto à inserção ou não destes no tempo e/ou no espaço. Esta perspectiva, proposta por Travaglia (1991, cap. 2) estabelece os tipos que normalmente têm sido nomeados de **descrição, dissertação, injunção e narração**. [...];
- B) a perspectiva do produtor do texto dada pela imagem que o mesmo faz do receptor como alguém que concorda ou não com o que ele diz. Aqui aparecem o discurso da transformação, quando o produtor vê o receptor como alguém que não concorda com ele, o que cria os **textos argumentativos “stricto sensu”** que mobilizam explicitamente argumentos e recursos linguísticos apropriados ao convencimento/persuasão do interlocutor e o discurso da cumplicidade em que o produtor vê o receptor como alguém que concorda com ele. Neste caso temos o texto que não é argumentativo “stricto sensu”. (Cf. Travaglia-1991: cap. 2);
- C) a perspectiva em que o produtor do texto faz uma antecipação no dizer (**texto preditivo**) ou não faz antecipação (texto não-preditivo) (Cf. Travaglia-1991: cap. 2);
- D) a perspectiva dada pela atitude comunicativa de comprometimento ou não do produtor do texto, o que resulta nos **textos do mundo comentado**

¹ - O número entre colchetes indica o ano em que o texto foi escrito e o número entre parênteses o ano de publicação do texto.

(comprometimento) **ou do mundo narrado** (não comprometimento) (Weinrich-1968);

E) um exemplo que deixa claro que o que estamos aqui definindo não se relaciona com outras definições e caracterizações existentes em outros estudos é o dos chamados “**gêneros lírico, épico (ou narrativo) e dramático (ou teatral)**” propostos pela Teoria Literária. Embora a teoria proponente os chame de gêneros, quase como um sinônimo do que a Linguística tem chamado de tipo; dentro da classificação tripartite que estamos propondo das “categorias de texto” em tipelementos, o **lírico** é um tipo, porque é dado por estabelecer um modo de interação que se caracteriza pela perspectiva de voltar-se para si mesmo para refletir-se como numa “confissão” (Cf. Tavares- 1974: 117-118) que se importa pouco com o outro, com o alocutário (Cf. Moisés-1973: 63-69), portanto uma perspectiva altamente subjetiva de si mesmo ou do que lhe é exterior, portanto uma perspectiva que nasce do mundo interior e busca esse mesmo mundo. A perspectiva de busca do mundo exterior pode acontecer de duas formas distintas:

a) pela admiração do acontecido, tanto que o que importa é a complicação (que é uma parte essencial da superestrutura narrativa) que permite perguntar: “qual é o ponto?”. Tem-se aqui o gênero **épico** ou **narrativo** da Teoria Literária (que seria o mesmo tipo narrativo referido em A acima, mas dado por outra perspectiva que o apreende de um outro ponto de vista diferente deste da classificação da Teoria Literária) e

b) pela exposição e/ou análise das relações entre os seres, o que dá o tipo **dramático** (gênero dramático da Teoria Literária).” (TRAVAGLIA, 2007, p. 101-104)”;

F) os tipos *humorístico* ou *não-humorístico*² são definidos pela perspectiva do produtor de trabalhar respectivamente com uma comunicação confiável ou não-confiável. A comunicação não-confiável se estabelece por meio do imbricamento de mais de um “mundo textual” e estes se alternam na compreensão do texto a partir de um indicador no próprio texto (chamado por muitos de “gatilho”), que “pega de surpresa” o interlocutor ou alocutário do texto, que é obrigado a uma reversão na sua hipótese de compreensão do texto e

G) os textos do tipo *literário* ou *não-literário* que são dados pela adoção de uma perspectiva estética ou não³.

- 2) o *gênero* que se caracteriza por exercer uma função sócio-comunicativa específica. Estas nem sempre são fáceis de explicitar. Os gêneros são compostos pelos tipos e pelas espécies e eventualmente por outros gêneros. Alguns exemplos de gêneros são: romance, conto, novela, piada, editorial, artigo científico, conferência, entrevista, ata, resolução, edital, atestado, certidão, prece, tese, resenha, mandado, procuração, contrato, tragédia, comédia, farsa, esquete, etc. (Cf. Travaglia, 2007, p.104-106);
- 3) a *espécie* “que se define e se caracteriza” apenas “por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo.” (TRAVAGLIA, 2007, p. 106). As espécies podem estar vinculadas a um tipo ou a um gênero. Assim o tipo narrativo tem duas espécies em função de conteúdo: a história e a não-história. O romance (gênero), pelo conteúdo, apresenta espécies tais como: históricos, psicológicos, regionalistas, indianistas, fantásticos, de ficção científica, de capa e espada, policiais, eróticos, etc. O texto ser em prosa ou em verso são espécies quanto à forma. O tipo lírico tem ligadas a ele espécies

² - Em Travaglia [2003] (2007), registramos o humor como um gênero. Estudos posteriores nos deixaram evidente que o humor é um tipo (Cf. Nepomuceno, 2005).

³ - Estamos cientes de que a caracterização do literário e do não-literário é bem mais complexa. Todavia usamos aqui a perspectiva que nos parece ser o traço fundamental para a caracterização desse tipo de texto.

pela forma (acróstico, balada, soneto, haicai, etc.) ou pelo conteúdo (ditirambo, epitalâmio, poemas bucólicos, etc) (Cf. Travaglia, 2007, p. 106-108).

O que existe, circula e funciona na sociedade são os gêneros (Cf. Travaglia 2007). Os tipos e as espécies, como dissemos, compõem os gêneros e não existem enquanto textos isolados, mas sempre realizados em um gênero. O conhecimento destes elementos são fundamentais para a compreensão das relações que ocorrem na composição dos textos.

O conhecimento das relações possíveis entre as diferentes categorias de texto e tipelementos é fundamental na caracterização dos mesmos, sobretudo dos gêneros, para não se considerar como características de um gênero o que são características dos tipos e espécies que o compõem e que aparecem em outros gêneros compostos pelos mesmos tipos e espécies. Assim, por exemplo, o tipo narrativo ou narração entra na composição de inúmeros gêneros que terão todas as características do tipo narrativo que os compõe e, conforme se tenha uma história ou não-história, as características dessas espécies serão comuns aos gêneros que elas compõem. É o caso dos gêneros narrativos não-história (atas; notícias; biografia, alguns atestados, etc) ou dos gêneros narrativos história (peças de teatro; romances; novelas — literárias, de rádio e TV — contos; contos de fadas; fábulas; apólogos; parábolas; mitos; lendas; piadas; fofoca; caso; biografia, epopéia, poema heróico, poema burlesco; etc). O gênero pode se distinguir pelo modo como o tipo ou a espécie se realiza nele, diferentemente de outro gênero. Por exemplo, as categorias da superestrutura narrativa da espécie história não se realizam do mesmo modo no romance, no conto, na fábula, no apólogo, na piada, etc. Complementarmente se deve levantar se há características específicas do gênero, independentes dos tipos e espécies que o compõem e de como esses tipos e espécies se realizam no gênero.

2. Relações possíveis entre tipos na composição dos gêneros

Uma vez que os tipos e as espécies compõem os gêneros; analisando algumas dezenas de gêneros, pôde-se observar que os *tipos* podem se combinar por meio de três processos básicos:

- a) se *cruzar* – vários tipos de tipologias distintas são realizadas no mesmo texto;
- b) se *conjugam* – vários tipos de uma mesma tipologia aparecem constituindo um texto, com relações hierárquicas entre si ou simplesmente lado a lado;
- c) se *intercambiar* – em uma situação de interação de uma dada natureza, em que se estabelece um modo de interação específico, a interação é preferencialmente realizável por uma dada categoria de texto que é própria desse modo de interação, mas se dá por meio de uma outra categoria.

2.1. Cruzamento de tipos

O *cruzamento* (ou *fusão* como alguns podem preferir dizer, para ressaltar o amálgama de características dos tipos) acontece entre tipos de tipologias distintas, ou seja, um texto não pode ser ao mesmo tempo descritivo e narrativo; ou lírico e dramático; ou preditivo e não-preditivo, mas pode acumular características de vários tipos de características diferentes. Assim, por exemplo, o gênero *editorial* é, ao mesmo tempo, dissertativo, argumentativo stricto sensu, jornalístico⁴, e um texto do mundo comentado e as características de todos estes tipos aparecem no gênero editorial.

⁴ - A classificação de um texto como jornalístico ou não nos parece mais uma classificação de discurso do que de texto. É algo a ser decidido. Sobre critérios para considerar ou não um texto como jornalístico ver Silva (2007).

No texto do exemplo (1), temos para o gênero “poema” o cruzamento dos tipos “narrativo, preditivo, lírico e literário” e das espécies “soneto e em verso” caracterizadas pela forma e da espécie “não-história” caracterizada pelo conteúdo.

(1) SONETO

Guilherme de Almeida

Quando as folhas caírem nos caminhos,
Ao sentimentalismo do sol poente,
Nós dois iremos vagarosamente
De braços dados, como dois velhinhos.

E que dirá de nós toda esta gente
Quando passarmos mudos e juntinhos?
- Como se amaram esses coitadinhos!
Como ela vai, como ele vai contente!

E por onde eu passar e tu passares,
Hão de seguir-nos todos os olhares
E debruçar-se as flores nos barrancos...

E por nós na tristeza do sol posto,
Hão de falar as rugas do meu rosto
E hão de falar os teus cabelos brancos!

(Nós, soneto XIX, Livraria Martins Editora S. A., 1955, S. Paulo)

Convém observar que no cruzamento de tipos parece haver certas correlações preferenciais. O argumentativo “stricto sensu” muito freqüentemente se cruza com o dissertativo, o que levou muitos estudiosos a confundirem os dois, ou a proporem o tipo expositivo, quando se tem apenas a dissertação.

2.2. Conjugação de tipos

A *conjugação* de tipos na composição de um gênero acontece com tipos da mesma tipologia. É um fato muito comum e já foi identificado por muitos estudiosos ao afirmarem que os textos dificilmente são puros, na verdade, porque aparecem trechos de maior ou menor extensão de vários tipos. Pode-se ter até mesmo uma oração de um tipo inserida num trecho de outro tipo, como acontece muito comumente com orações adjetivas. É o caso do exemplo 2, em que a oração “comprou meu carro” insere um trecho narrativo em uma descrição. A tipologia cujos tipos mais freqüentemente se conjugam nos textos é a dos textos descritivos, dissertativos, injuntivos e narrativos, sendo praticamente a responsável pela afirmação de que não há textos puros.

- (2) O rapaz *que comprou meu carro* era lindo. Tinha olhos grandes e brilhantes, um queixo anguloso com uma covinha de matar. Um cabelo castanho claro um pouco comprido e a barba malfeita que lhe davam um ar calculado de um pouco selvagem. Além de tudo era inteligente.

A conjugação de diferentes tipos da mesma tipologia na composição de um gênero acontece de modos diversos:

1) Há um *tipo dominante necessariamente*, ou seja, aquele gênero sempre se compõe com aquele tipo presente como dominante. É o caso, por exemplo, de romances, contos, novelas, apólogos, parábolas, fábulas, piadas, atas, mitos, lendas, epopéias, etc. em que o tipo narrativo é sempre presente e dominante, podendo aparecer trechos descritivos, dissertativos, injuntivos. A dominância não é em termos de espaço do texto ocupado pelo tipo, mas em termos da tendência para um dado modo de interação a que o texto serve. Assim, por exemplo, temos muitos contos de Clarice Lispector em que o espaço ocupado pelo tipo dissertativo é maior do que o ocupado pelo tipo narrativo, mas o conto sempre é visto como predominantemente narrativo.

Quando se tem um tipo dominante necessariamente é que se diz que o gênero é narrativo, dissertativo, descritivo ou narrativo e/ou argumentativo e/ou preditivo, etc. O quadro 1 abaixo extraído de Travaglia [2003] (2007, p. 109) e atualizado, exemplifica gêneros que necessariamente têm um tipo dominante. Nestes casos, o modo como os tipos compõem um gênero, caracteriza este último.

Tipo	Exemplos de gênero(s) necessariamente vinculados ao tipo em termos de dominância
Descritivo	Qualificação ⁵ , classificados ⁶ . Parece não haver muitos gêneros necessariamente descritivos.
Dissertativo	Tese, dissertação de mestrado, artigo acadêmico-científico, editorial de jornal, monografia, conferência.
Injuntivo	Mensagem religiosa-doutrinária, instruções, manuais de uso e/ou montagem de aparelhos, receitas de cozinha e receitas médicas, textos de orientação comportamental (ex.: como dirigir), preces.
Narrativo	Atas, notícias, peças de teatro, romances, novelas (literárias, de rádio e TV), contos, contos de fadas, fábulas, apólogos, parábolas, mitos, lendas, anedotas, piadas, fofoca, caso, biografia, epopéia, poema heróico, poema burlesco.
Argumentativo	Editorial de jornal, sermão.
Preditivo	Boletim meteorológico, programas de eventos e viagens, leitura de sorte, profecias. ⁷

Quadro 1 – Gêneros com um tipo necessariamente dominante

Muitas vezes o tipo em conjugação está ligado a partes ou categorias da superestrutura⁸. Nos gêneros narrativos da espécie história, por exemplo, parece que a descrição está sempre ligada à “orientação” dos episódios. A narração compõe sobretudo as categorias ou partes denominadas “introdução (anúncio e resumo) e trama (complicação, resolução e resultado). O resultado é composto pela narração, quando é da variedade “Eventos/Atos/Acontecimentos”, pois o resultado da variedade “Estados” é mais descritivo. Já a dissertação aparece principalmente nos comentários (mais na avaliação e explicação do que nas expectativas) e no epílogo que é das variedades coda e moral. Já o tipo injuntivo é

⁵ - A proposta da qualificação como gênero independente e necessariamente descritivo está sendo feita pela mestranda Viviane Raposo Pimenta em sua pesquisa para a dissertação a ser defendida no Mestrado em Linguística do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

⁶ - Que os classificados são gêneros necessariamente descritivos é proposto por Silva (2007).

⁷ - Travaglia (1991, 51) afirma que “os textos preditivos são sempre descrições, narrações ou dissertações futuras em que o locutor/enunciador está fazendo uma antecipação no seu dizer, está pré-dizendo.”, dizendo antes de se realizar.

⁸ - As superestruturas e suas categorias citadas aqui, atendem ao que especificamos em Travaglia (1991) e (1992).

eventual nos gêneros narrativos, aparecendo mais em reproduções de diálogos ou conversações de personagens. Nos gêneros injuntivos a descrição está ligada ao “elenco ou descrição”. A “categoria” ou “parte” de uma superestrutura que se realiza de modos diferentes em diferentes gêneros e, de modo geral, como os tipos compõem os gêneros, pode caracterizar estes últimos.

Às vezes há mais de um tipo em cruzamento e que são necessariamente dominantes. Vemos este fato no editorial que é basicamente e sempre dissertativo e argumentativo “stricto sensu”, mas além de trechos dissertativos ele pode conter conjugados trechos descritivos, injuntivos e narrativos, geralmente com funções dentro da argumentação (Para estas funções cf. Melo, 2004). Quando um tipo é dominante em um gênero, os outros tipos que com ele se conjugam aparecem realizando alguma função subordinada ao que pede o tipo dominante. Tem-se, pois uma relação hierarquizada.

2) Em alguns gêneros pode *haver um tipo dominante, mas não necessariamente*. É o que acontece, por exemplo, na carta. Podemos ter cartas predominantemente descritivas, dissertativas, injuntivas ou narrativas ou argumentativas “stricto sensu”, etc. com ou sem conjugação de outros tipos. Mas também podemos ter cartas em que os tipos estão conjugados, mas nenhum é dominante. São apenas trechos colocados lado a lado como uma colagem. Essa forma de conjugação de tipos parece que não caracteriza o gênero, ao contrário da forma de conjugação descrita anteriormente em 1.

3) Finalmente tem-se outros gêneros em que os tipos aparecem somente *conjugados mas nunca algum deles é dominante*. É o que acontece, por exemplo, na “bula de remédio” que é sempre composta por uma conjugação de descrição, dissertação, injunção e narração, mas nenhum tipo está subordinado a outro. Pode acontecer, como na bula, que o tipo está ligado a uma parte ou categoria da superestrutura do gênero. Neste caso essa relação constante caracteriza o gênero. Assim, na “bula” a descrição aparece sempre na composição do remédio, já a injunção aparece na posologia, a dissertação na explicação de como o remédio age no organismo e a narração em relatos de casos clínicos.

Como se pode ver, a conjugação de tipos na composição dos gêneros acontece de diferentes modos e todas essas variações podem servir ou não para caracterizar o gênero.

2.3. Intercâmbio de tipos⁹

O *intercâmbio de tipos* é o uso de um tipo por outro que seria o esperado em dado tipo de situação de interação comunicativa. Cada tipo de situação de interação comunicativa, nas diferentes esferas de ação social em comunidades discursivas mais ou menos estruturadas, estabelece um modo de interação que termina por configurar uma categoria de texto apropriada a tal modo de interação nesse tipo de situação, para consecução dos objetivos comunicacionais. Dessa forma, na ação social, de um certo modo, espera-se que o falante se sirva desses “modelos” mais ou menos estabelecidos, quando tem de interagir. Como alguns preferem dizer, valer-se dessas regularidades disponíveis no interdiscurso. Assim, no exemplo (3), numa situação de interação em que alguém pretende obter água para beber, o tipo de texto esperado será o injuntivo e não o descritivo, dissertativo ou narrativo. Os textos injuntivos, em princípio uma incitação à realização de uma situação (TRAVAGLIA, 1991, p.43), podem ser ordens (desde a mais taxativa até uma ordem bastante atenuada), pedidos, súplicas, conselhos, prescrições, opções (ou volições, expressão de desejos) (Cf. Travaglia, 1991, p. 47-48) e podem ser construídos usando recursos diversos da língua (imperativo, presente do indicativo, gerúndio, infinitivo, futuro do pretérito, entonações diversas, expressões de cortesia como

⁹ - Marcuschi (2002, p.30-32), de um certo modo identifica em parte o intercâmbio e propõe um conceito próximo ao falar em intertextualidade intergêneros. O intercâmbio que propomos aqui parece ser mais abrangente, porque diz respeito também a tipos e espécies.

“por favor”, “por gentileza”, verbos de volição: gostaria, queria, etc). Essas variedades de injunção, bem como os diferentes recursos lingüísticos, serão escolhidos conforme sua adequação a particularidades de cada situação específica; mas, se o modo de interação é o de obtenção da realização de dada situação, o tipo será o injuntivo. Todavia pode-se ter um intercâmbio, como em (3b), em que se usa uma descrição, esperando-se que os interlocutores infiram porque, naquela situação, alguém descreve a umidade da própria boca, ou seja, o interlocutor deve fazer um raciocínio mais ou menos semelhante ao seguinte: “Se está com a boca seca, deve estar com sede e quer água → vou buscar água”. Esse intercâmbio já foi também classificado na Lingüística como ato de fala indireto. Parece-nos que os atos de fala indiretos são geralmente intercâmbio de tipos.

(3) Se o falante tem sede, e quer conseguir água numa dada situação (por exemplo, um professor dando um curso em uma escola para colegas até então desconhecidos), ele pode usar um dos textos abaixo, todos injuntivos. Mas, de acordo com as particularidades da situação, um ou outro texto pode ser o mais adequado. Na situação dada, certamente o texto (3a) traria efeitos de grosseria por parte do falante e pode ser visto como inadequado. O texto (3e) seria mais adequado, por exemplo, para instruções escritas passadas pelo organizador de uma atividade de caminhada ou trilha. Certamente um dos outros quatro textos seria mais adequado para a situação dada acima e a escolha dependeria de outros fatores, inclusive o grau de cortesia.

- a) Fulano(a), vai buscar um copo de água para mim, anda! (com entonação de ordem peremptória)
- b) Estou com a boca seca.
- c) Fulano(a), seria muito difícil me arrumar um copo de água? (com entonação de pedido gentil)
- d) Por favor, alguém podia me arrumar um pouco de água para beber? (com entonação de pedido gentil)
- e) Trazer uma garrafa de água para a caminhada.
- f) Eu queria um pouco de água.

Nos textos de (4) e (5) temos dois outros exemplos de intercâmbio de tipos. Em (4) a narração não-história é usada para compor uma descrição que tem o objetivo de dizer como é (Cf. Travaglia, 1991, 43). Observe-se que podemos facilmente transformar o texto em uma descrição, uma vez que cada acontecimento pode ser convertido numa característica psicológica do Duque de Caxias, assim: “O Duque de Caxias é um homem constante em seu modo de ser. Firme. Faz tudo com simplicidade e modéstia. Austero e permanente em suas atividades. É de tal modo elevado em seu modo de ser que outro não o superará.”. A partir de “Já lhe conheceis as qualidades morais e físicas” o texto passa a ser descritivo, exceto nos trechos:

a) “Nunca foi visto desmentir-lhe [.....] em séculos de ansiedade.” que descritivamente seria “Em qualquer situação mantém sempre o ânimo e a placidez/calma” ou “É, em qualquer momento, animado e plácido/calmo”;

b) “Sempre achou tempo para Deus, para a Pátria, para os amigos, para a Humanidade.” Que descritivamente seria “Ele é religioso, patriota, amigo, fraterno.”.

Observa-se portanto, em (4) uma conjugação: narração em intercâmbio com descrição, pequeno trecho preditivo (“a história não aceitará, que o nome de outro algum dos nossos cidadãos se superponha ao deste”) e descrição propriamente dita.

(4)

O DUQUE DE CAXIAS

Monsenhor PINTO DE CAMPOS

Nas mais diversas aplicações de sua inteligência, soube ele permanecer o mesmo. Por mais alto que subisse, em cada degrau da sua esplêndida vida, nunca foi visto vacilar. Soube administrar, combater, governar, tudo em máxima escala, ficando sempre simples e modesto. Distinguiu-o invariavelmente a austera simplicidade de um Cincinato, mas a quem nunca o Estado permitiu voltar do triunfo para a charrua, pois não têm sido dado férias a tão constante lidar. Por mais que barafustei a inveja, a história não aceitará, que o nome de outro algum dos nossos cidadãos se superponha ao deste; e ao nosso compatriota passará também o cognome de *Duque de Ferro*, com que outro general foi saudado. // Já lhe conheceis as qualidades morais e físicas. Duma sobriedade exemplar, suporta as maiores fadigas sem demonstrar cansaço. Nunca foi visto desmentir-lhe o vigor do ânimo ou a placidez do espírito, nem nos mais críticos momentos, que a responsabilidade de um comando em chefe devia converter em séculos de ansiedade. Sempre achou tempo para Deus, para a Pátria, para os amigos, para a Humanidade. Essa estrela que lhe atribuem, acredita nela, não como os fatalistas, mas sim como predomínio da inteligência sobre as ações, caso esse em que a sorte, como diz Vieira, não está nas mãos dos fados, senão nas nossas. Se o acaso venturoso entra por um décimo nos grandes resultados obtidos, nove décimos são devidos ao cálculo, à inteligência, à perspicácia, à prontidão.

(OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. **Flor do Lácio**. São Paulo, Saraiva, 1965. p. 77.)

Em (5), no trecho com os verbos sublinhados tem-se uma narração não-história que realiza, na verdade, um comentário de caráter dissertativo e argumentativo “stricto sensu”

(5)

PAPEL DA IMPRENSA E O VALOR DA VIDA

Na noite de ontem, a repórter Solange Franco, da TV Anhanguera, que ficou prisioneira dos seqüestradores durante mais de 90 horas, escreveu o seguinte depoimento:

“O seqüestro de Goiânia emocionou o povo de todo o país, tornou solidária gente desconhecida, aflorou valores humanos, políticos e profissionais e provocou, sobretudo, o questionamento da segurança brasileira. Para quem esteve assistindo ao episódio, a polícia pareceu desestruturada, sem condições de enfrentar tal situação. Para os que permaneceram todos aqueles dias dentro do carro-forte, o resumo de tudo é que até a vida tem que ser negociada.

“Mas além da competência de cada instituição, da capacidade de seus comandantes e da posição radical que adotam, a grande pergunta que eu me faço agora é: quem é o responsável? Será que a imprensa tem que assumir outros papéis para, numa emergência, solucionar problemas? “Na minha opinião de jornalista, de voluntária, de refém e de ser humano, acredito que essa responsabilidade não é nossa. Como na Medicina, é necessário um trabalho preventivo e, num último caso, um paliativo. A segurança brasileira nem mesmo consegue evitar a ação dos bandidos e ainda joga com a vida de seres humanos que só queriam prestar um auxílio.

Goiânia – Moreira Mariz

(Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 129 – 1º caderno. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4)

O intercâmbio, na verdade, parece não acontecer só entre tipos. Quando se noticiou, como um fato interessante, digno de nota, que um advogado fazia suas petições em verso e não em prosa como usualmente se faz na comunidade discursiva forense, que é extremamente rígida em suas regras de composição de seus gêneros, o que se comentava é um intercâmbio de espécies dadas pela forma (prosa x verso). Há também intercâmbio de gêneros, quando se usam cartas ou artigos ou notícias em revistas para fazer publicidade de produtos ou lançamentos da indústria e do comércio. No caso das notícias, às vezes esta utilização é explicitada, como quando se coloca no cabeçalho do texto a expressão “*Informe Publicitário*”. Com grande frequência isto não é explicitado e o alocutário nem percebe a propaganda embutida, ou, se percebe, fica sempre na dúvida quanto à real intenção do produtor do texto. Este é o caso, por exemplo, de todas as notícias apresentadas ou publicadas e artigos publicados recentemente na mídia falada e impressa sobre o lançamento e as características do “Iphone” e a revolução que ele deverá provocar na comunicação. Na verdade, o Iphone é um produto lançado recentemente pela indústria e hoje, sabe-se, que muito do que aparece como notícia ou artigo explicativo é, na verdade, estratégia de *marketing*, muitas vezes paga pelo interessado. Este é um campo em que a pesquisa precisa adentrar para decidir como considerar tais casos: intercâmbio intencional ou não? Isto altera o status do fato? E outras questões que se pode levantar sobre este fato. O intercâmbio de gêneros e espécies parece ser menos freqüente que o de tipos, mas esta hipótese precisa ser confirmada na continuidade da pesquisa.

3. Considerações finais.

Em alguns casos observa-se o aparecimento de um gênero na composição de outro. Os casos observados até o presente momento não sugerem nenhuma regularidade dessa natureza: um gênero que necessariamente tem outro na sua composição. Uma carta ou convite, por exemplo, pode aparecer integralmente na composição de um romance, quando um personagem o envia para outro e o seu conhecimento integral é importante para a trama. O mesmo acontece em filmes e novelas de televisão. Já encontramos carta fazendo parte de uma publicidade, o que é diferente do fato de a carta ser a forma assumida pelo texto publicitário como vimos no item 2.3.

Apesar de termos afirmado que não registramos nenhum gênero que necessariamente entra na composição de outro, isto deixa de ser verdade, se se confirmar que a “qualificação” (cf. quadro 1) é realmente um gênero e não uma mera categoria da superestrutura de muitos gêneros, pois a qualificação é sempre uma parte obrigatória de gêneros como contrato, procuração, depoimento em processo jurídico, requerimento, etc. A qualificação é a identificação de uma parte envolvida na interação que estes gêneros permitem estabelecer e normalmente contém dados que qualificam a pessoa para aquilo que se está propondo e contém: nome, profissão, estado civil, endereço de residência, números de documentos como CPF, RG e outros, de acordo com cada caso. Às vezes há informações sobre estado de saúde e capacidades físicas e mentais pertinentes ao caso. A qualificação sempre foi tomada como uma parte ou categoria da superestrutura dos gêneros em que aparece, mas observou-se que nos processos penais ela aparece como gênero independente¹⁰.

O uso de um gênero na composição de outro geralmente mais complexo, talvez pudesse ser pensado como um caso de conjugação de gêneros para compor um outro mais complexo. Todavia parece-nos prematuro fazer tal afirmativa tendo em vista os poucos casos observados deste fato. Mas acreditamos que devíamos registrar aqui esta possibilidade, pois é algo que diz respeito à composição dos gêneros.

¹⁰ - Ver nota 5.

Como se pode notar, o modo como tipos e espécies são usados para compor gêneros é de fundamental importância na caracterização dos mesmos e pode ter consequências interessantes na montagem de atividades de ensino/aprendizagem de produção/ compreensão de textos. A ampliação desses estudos para o maior número de gêneros possível é sem dúvida necessário para termos conclusões mais definitivas, embora o que observamos até agora já nos tenha permitido verificar alguns fatos importantes tais como: a) que tipos e espécies compõem gêneros que funcionam em cada sociedade e cultura; b) gêneros parece que também podem entrar na composição de outros gêneros; c) que o modo como os diferentes tipos e espécies se combinam na composição de gêneros é importante para a caracterização distinção destes; d) que os tipos, na composição de gêneros, podem se cruzar, conjugar ou intercambiar.

Referências

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MELO, Carolina Santos. *Tipos de textos empregados com função de argumento na dissertação argumentativa*. 2005. Dissertação (Mestrado), Linguística, UFU – Universidade Federal de Uberlândia, 177 p.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. (6ª ed. rev.). São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- NEPOMUCENO, Terezinha. *Sob a ótica dos quadrinhos: Uma proposta textual-discursiva para o gênero tira*. 2005. Dissertação (Mestrado), Linguística, UFU – Universidade Federal de Uberlândia, 151 p.
- SILVA, Pollyanna Honorata. *Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia*. 2007. Dissertação (Mestrado), Linguística, UFU – Universidade Federal de Uberlândia, 225 p.
- TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária* (5ª ed. rev. e atual). Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gêneros de texto definidos por atos de fala. In: ZANDWAIS, Ana (org.). *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2002. p. 129- 153 (Coleção Ensaios - nº17)
- _____. [2003]. Típelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007. p. 97- 117.
- _____. Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília (org.) *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004. p. 114-138.
- _____. Da distinção entre tipos, gêneros e espécies de textos. *Estudos Lingüísticos*, XXX, p. 1-6, 2001. Marília, SP: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo/Fundação de Ensino “Eurípedes Soares da Rocha (Revista Publicada em CD-ROM: artigo 200).
- _____. A superestrutura dos textos injuntivos. *Estudos lingüísticos/XXI Anais de Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo - Vol.II*. Jaú, Fundação Educacional Dr. Raul Bauab/GEL-SP, 1992: 1290-1297.
- _____. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. 1991. Tese de doutorado, Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, 2 volumes: 330 p. + 124 p.
- WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.